

# LITERATURA: TELEVISÃO, JORNALISMO, INTERNET E TRANSDISCIPLINARIEDADE

Pedro Pires Bessa (FUNEDI/UEMG)

## RESUMO

Confronto da literatura com algumas expressões fundamentais da mídia: televisão, jornalismo e Internet, visando entendê-las a luz da transdisciplinaridade.

**Palavras-chave:** Mídia, literatura, televisão, jornalismo, Internet, transdisciplinaridade

## RESUMÉ

Confrontation de la littérature avec quelques expressions fondamentales de la media: télévision, journalisme et Internet, en vue de les entendre a la lumière de la transdisciplinarité.

**Mots-clef:** Media, littérature, télévision, journalisme, Internet, transdisciplinarité.

\* \* \*

A relação da literatura com a televisão no Brasil é muito complexa e abrangente.(BESSA, 2004)

Octávio Augusto Vampré escreve que, em 1952, dois anos após a implantação da televisão, no Brasil, a TV Tupi, Canal 5, lançou uma adaptação de **Casa de pensão**, romance de Aluísio Azevedo. (VAMPRE, 1979, p. 215)

Desde então até os dias de hoje, continuamente, a TV brasileira tem feito adaptações de obras literárias, com maior ou menor felicidade, com maior aproximação ou afastamento do texto original. Muitas vezes a adaptação de obras literárias pela televisão caracteriza-se por uma busca, por parte da TV, de dar caráter de validade cultural a suas criações.

O grande número dessas adaptações pode-se ver, por exemplo, no catálogo das telenovelas feito por Ismail Fernandes.(1997). Uma das mais constantes são as várias edições, feitas pela Rede Globo de Televisão, de **O Sítio do Picapau Amarelo** de Monteiro Lobato, numa recriação que leva em conta o modo de ser da época em que se fizeram.



Além da adaptação de obras literárias, a relação da televisão brasileira com a literatura suscita várias outras questões. Uma delas é que esse contato faz surgir novos gêneros literários ou dá matizes variados aos já existentes. Afrânio Coutinho, por exemplo, defende a idéia de que as telenovelas brasileiras criaram um novo gênero literário inerente a elas. (COUTINHO, 1983, p. 160-170).

O escritor de telenovelas é certamente um fenômeno novo dentro da literatura, sob vários aspectos. Assim, provavelmente nunca houve um escritor que recebesse com tanta rapidez a resposta do público por seu trabalho, como o escritor de telenovelas. Também nunca houve quem devesse escrever com tanta fúria e intensidade.

No XXIX Congresso Brasileiro de Língua e Literatura, realizado na UERJ, entre 21 e 25 de julho de 1997, Ricardo Araújo apresentou uma comunicação intitulada **Vídeo Poesia** que foi um

“conjunto de poemas desenvolvidos no Laboratório de Sistemas Integráveis (Escola Politécnica, USP), que foi batizado de Vídeo Poesia. O Vídeo Poesia é composto por sete poemas: Bomba e SOS de Augusto de Campos, Patafísica, de Haroldo de Campos, Femme de Décio Pignatari, Dentro de Arnaldo Antunes e O arco-íris no ar curvo de Julio Plaza. Ele é o resultado de um esforço conjunto de pesquisadores das áreas de Engenharia eletrônica e Arquitetura e do grupo de poetas ligados à poesia concreta”. É um exemplo do videocassete funcionando como um livro eletrônico.

Julio Cortázar, grande escritor argentino que teve sua obra marcada pela era da imagem, numa entrevista concedida ao jornalista Ângelo Osvaldo afirmou: “A noção da imagem deixa de ser complementar, e encaro como sendo sempre maior a possibilidade de experiências no sentido de uma identificação ou complementariedade permanente da imagem e da escritura, passando de uma imagem a uma frase, ou vice-versa, com simbioses, substituições e intercalações” (CORTÁZAR, 1976). A relação da literatura com a mídia é intensa, ultrapassa o contato com a televisão, isso já faz tempo.

Cassiano Ricardo, por exemplo, tem: **O Poema do Arranha-céu** ( 1957, p. 201-202), com os seguintes versos:



“Se eu puder, algum dia,  
quando houver mais poesia,  
mandarei escrever o seu nome  
JACY  
Num letreiro de lâmpadas  
de todas as cores  
no alto daquele arranha-céu.  
Para que toda a cidade  
possa ler o seu nome e o seu nome  
fulgure pertinho do céu!

“E eu mesmo irei acender  
o imenso letreiro encantado  
que ficará pisca-piscando lá em cima  
na noite azul de pantomima.  
E o arranha-céu, com o seu nome na frente  
sonhará tanta coisa bonita:  
Por exemplo, que é um templo...  
que todos os pirilampos da terra  
lhe pousaram na frente.  
Que toda a população das estrelas  
saiu à rua acompanhando a lua... E mais ainda  
que o espírito inocente da terra criança  
veio brincar de quatro cantos pelos cantos da rua  
botando um pouco de ilusão em cada coração  
e um pouco de saudade em cada trecho da  
cidade e um pouco de inocência em cada  
angústia da existência e um pouco de poesia em  
nosso “pão de cada dia.”

“E eu, do meio do povo,  
tirarei o chapéu, está vendo?  
E olharei o seu nome lá em cima,  
no letreiro das estrelas  
pertinho do céu.”

Cassiano Ricardo capta literariamente um dos momentos mais importantes da mídia, que lhe sustenta e lhe dá vida: a propaganda, numa de suas manifestações presentes até hoje, ano 2007, a utilização de fachadas ou paredes de grandes edifícios. O poema acima inscreve-se na característica de as pessoas humanas deixarem-se levar pela fantasia da propaganda. Abraham Moles explica esse fato dizendo que “os seres humanos só muito parcialmente vivem no real, passando a



maior parte do tempo num campo de desejos e ilusões que determina seu comportamento muito mais do que o fazem os raciocínios e os balanços racionais” (MOLES, 1973, p. 248). O poeta também sabe desocultar muito bem “os sonhos que servem de suporte” (MARCOS-STEIFF, 1974, p. 31), para todas as propagandas, mas adequa-se muito bem ao dispositivo de mediação escolhido, o imenso cartaz estampado em um prédio, “a fixação de cartazes nas cidades vai privilegiar formas discursivas minimalistas como a simples amostragem-apresentação do produto ou de seus atributos” (CARNEIRO, 1996, p. 147), aqui é a figura de Jacy gritando para todos as suas qualidades, que seu admirador conhece. Tudo isso se faz retirando, poeticamente toda a polissemia que a linguagem da propaganda propicia (SANDMANN, 2005, p. 75-76).

O mesmo poeta toca, sempre poeticamente, em mais um dos momentos fundamentais da mídia, a informação, no poema **A notícia de hoje** (RICARDO, 1957, p. 481)

“Mais quinze condenados à morte forma conduzidos  
em fila e encostados no muro,  
perante quinze cintilações de baioneta.  
E não quiseram que se lhes vendassem os olhos  
nem se lhes pintasse o alvo, no peito,  
em cima do coração – pobre símbolo.

“Que adiantaria serem cegos, à última hora?  
Que adiantaria não olhar a cena que mais tarde  
os cegos, a quem seus olhos fossem doados,  
veriam?

“Que adiantaria a rosa ser vermelha, na noite?”

Aqui também Cassiano Ricardo toca fundo nas pessoas que acabaram de presenciar, no final de 2006 e início de 2007, em notícias de jornais, rádio, televisão, e internet os enforcamentos ocorridos no Iraque. O texto poético acima engloba modos de ser do que há de mais influente no Brasil, em matéria de telejornalismo, O **Jornal Nacional** da Rede Globo de Televisão, (15 ANOS, 1984). Eugênio Bucci, (2005), analisa como os “fatos” são mostrados em várias televisões brasileiras, variando conforme a ideologia que está por trás dessas emissoras. O fato narrado pelo poeta e o que comentamos tiveram, naturalmente, interpretações diversas, dependendo da



ideologia do veículo que os transmitiu. O mesmo ocorre “nas estratégias de persuasão e de sedução na mídia impressa” (PAULIUKONIS, 2003, p. 120-131), em jornais e revistas.

Cassiano Ricardo, em dois outros poemas, consegue captar, sempre poeticamente, algo de profundamente essencial em todas as mídias: a máquina. **A Festa da Máquina** (RICARDO, 1957, p. 511-512)

## I

A maravilha de uma coincidência  
repete o acontecimento e lhe põe o número de ordem.  
O operário é, em menor ponto, um deus  
movendo a máquina do dia e da noite.  
Uma roda quer dizer o infinito.  
Cada engrenagem é uma frase que as outras  
engrenagens concluem.

A máquina já adquiriu qualquer coisa de humano e de  
mágico.  
E já raciocina por nós; e, se é esfinge,  
será uma esfinge obsequiosa.  
Não nos propõe enigmas, como sua irmã,  
nem nos concede prazo para a decifração obrigatória.  
Propõe coisas exatas.

## II

A multiplicação, a simultaneidade  
e a supressão automática do futuro  
fizeram dela um ser fantástico:  
um acontecimento submetido, um monstro já sem  
músculos  
e sem sangue.  
Uma divindade dotada de coração cheio de gentileza  
mecânica.  
Que muita vez enxuga as nossas lágrimas,  
nos põe rodas nos pés e asas ao ombro,  
e nos dispensa de qualquer saudade.

Ah, eu chamarei os anjos  
para que venham ver como funcionam as suas rodas,  
as suas vísceras maravilhosas.  
E enfeitá-la-ei com lírios  
para que ela se conserve obsequiosa e tranqüila.



E os números gorjearão como pássaros  
nas estatísticas da alegria.

E os anjos gostarão de ouvir o gorjeio dos números.

III

Ó máquina  
tu me fazes pensar, porque há um mistério  
na exatidão.  
O exato é, também, maravilhoso  
e tão inexplicável como a multiplicação dos peixes  
e das orquídeas.

Ó máquina, tu serás o mais bonito brinquedo  
do homem na sua consciência conquistada.  
Porque a inocência não se perde. Apenas;  
conquista-se também como flor última,  
depois de todas as experiências e de todas  
as hecatombes.

"Canto Subversivo"  
(Primeira parte) (RICARDO, 1957, p. 581)

A flor automática

Aperto-lhe um botão  
e o universo mecânico  
põe-se ao meu dispor,  
como uma flor.  
Com a facilidade  
De um peixe-voador.

Coma instantaneidade  
De um obséquio,  
Simples, multicolor.

Como, em **A Festa da máquina**, se prenuncia a Internet! Nas duas estrofes da parte I, o poeta nos fala da "humanidade" cada vez maior com que as máquinas vão-se revestindo e o papel de Deus que possui quem vai manipulando-as. Isso tem tudo a ver com o computador e os inúmeros robôs que ele pode criar, mas, sobretudo, com o império cada vez mais abrangente da Internet. As quatro estrofes de número II narram um futuro que é o presente em que nós vivemos hoje em dia. O computador com a Internet são



o deus da contemporaneidade, a bradar números e números! Nas duas estrofes do número III, há um diálogo do poeta com a máquina, computador/Internet, como uma entidade viva a englobar o modo de ser da pessoa humana em todas as suas dimensões.

Em **Canto Subversivo**, Cassiano Ricardo mostra como esse mundo cantado em A Festa da Máquina é facilmente acessível, bastam simples comandos, cada vez mais singelamente sofisticados, para desencadeá-lo.

Carlos Drummond de Andrade refere-se a uma máquina extremamente importante e cada vez mais essencial para a mídia em todas as suas manifestações: o computador.

“Notícias de Janeiro” (ANDRADE, 1987, p, 137)

Janeiro:  
preparo lento e longo combined  
o coração batendo comcitech  
nervos elétricos comsart  
na geografia  
que o Rio transformou em Cesgranrio.  
Janeiro, estoura o grito  
de euforia em frente ao gabarito  
ou o morder de lábios do malogro  
que o computador tritura em números.  
(Computador: cara moderna do destino.)  
[...].

Aqui o poeta, em um janeiro de 1974, já sente todo o impacto dessa máquina, cuja importância só faria crescer sem parar, desaguando em uma de suas expressões máximas: a Internet. Um dos nossos grandes cantores e compositores, Gilberto Gil, sensibilizou-se pelo tema da Internet, compondo o seguinte poema-canção:

Pela Internet  
  
Criar meu web site  
Fazer minha home-page  
Com quantos gigabytes  
Se faz uma jangada  
Um barco que veleje  
  
Que veleje nesse infomar



Que aproveite a vazante da infomaré  
Que leve um oriki do meu velho orixá  
Ao porto de um disquete de um micro em Taipé

Um barco que veleje nesse infomar  
Que aproveite a vazante da infomaré  
Que leve meu e-mail até Calcutá  
Depois de um hot-link  
Num site de Helsinque  
Para abastecer  
Eu quero entrar na rede  
Promover um debate  
Juntar via Internet  
Um grupo de tietes de Connecticut

De Connecticut acessar  
O chefe da Macmilícia de Milão  
Um hacker mafioso acaba de soltar  
Um vírus pra atacar programas no Japão

"Eu quero entrar na rede pra contactar  
Os lares do Nepal, os bares do Gabão  
Que o chefe da polícia carioca avisa pelo celular  
Que lá na praça Onze tem um videopôquer para se jogar.

Gilberto Gil, com sua apurada sensibilidade artística, soube captar bem o mundo da Internet com toda sua importância para colocar o internauta em contato com todo o mundo. Curiosamente o cantor-poeta consegue navegar por esse mundo novo sem esquecer-se das pulsações primitivas de seus ancestrais.

Há um caminho longo de Gutenberg à Internet, com algo marcante a separá-los: a rapidez colossal com que a Internet se criou e se espalhou pelo mundo. Apesar de ter surgido pelos anos de 1968/69 é a partir de 1993/94, que ela começa a ganhar espaço universal, com colossal abrangência, (BRIGGS, 2004).

Vivemos no mundo da informação, da comunicação, da imagem. O mundial e o nacional, o social e o particular moldam-se por essa situação. Por trás de tudo isso está o computador e a Internet. Nossa sobrevivência depende do entendimento desse fenômeno (PIGNATARI, 2003). É, sobretudo, essencial que saibamos captar o novo mundo





moldado pelas imagens eletrônicas, (ARISTARCO, 1990). Esse fenômeno é tão abrangente, que envolve a cada um de nós em todos os momentos de nossa vida cotidiana de modo tão total que quase não temos mais consciência desse fato, (JOHNSON, 2001).

Como tivemos de ser alfabetizados para a Galáxia de Gutenberg, a civilização contemporânea exige um letramento digital, (COSCARELLI, 2005). Computadores e Internet banda larga deixaram de ser luxo para poucos, tornaram-se instrumentos de uso cotidiano para todos, em tarefas simples como no ato de fotografar, usar o sistema bancário e outras atividades do dia-a-dia, do trabalho, culturais ou de lazer.

Além disso, há nova maneira de ler, de contactar-se com a realidade, (SILVA, 2003), através do mundo virtual, chegando-se mesmo a criação de uma linguagem própria, o internetês.

Tudo isso influencia a literatura. A informação sobre a vida e a obra de escritores nacionais e internacionais circula abundantemente na Internet e em enciclopédias mundiais-virtuais como a *Wikipedia*. Muitos poetas e prosadores têm trabalhado e criado com os recursos infinitos da Internet.

Estamos vivendo novos tempos com uma crise sem precedentes de todos os valores com uma quebra total de fronteiras. Uma das tentativas teóricas de estar nesse ambiente é a transdisciplinaridade. Ivan Domingues diz que a transdisciplinaridade não possui ainda exemplos emblemáticos, “trata-se de uma utopia” (DOMINGUES, 2005, p. 25).

Continua afirmando que “o trans deverá ser construído no futuro, tomando como inspiração a Escola de Sagres, o projeto Apolo e certas experiências recentes nos campos disciplinares, como a inteligência artificial, as neurociências, a bioinformática e tantas outras” (DOMINGUES, p. 26-27). Fala também que o trans deverá ocorrer “através da aproximação das artes, das tecnologias e das ciências. Sobre esse ponto, há quem acredite que sua inspiração deverá ser buscada /.../ Na Internet.” (DOMINGUES, 2005, p. 31). O autor acrescenta também: “propomos que a tópica transdisciplinar fosse pensada e figurada como uma rede, baseada não na rede de pescador, toda ela trançada e organizada em malhas, mas na rede da informática e das telecomunicações, organizada em pontos que



também: “propomos que a tópica transdisciplinar fosse pensada e figurada como uma rede, baseada não na rede de pescador, toda ela trançada e organizada em malhas, mas na rede da informática e das telecomunicações, organizada em pontos que se agrupam, podendo estar conectados ou não.” (DOMINGUES, 2005, p. 34-35).

Severino Antônio propõe que se busque no poético o caminho para a transdisciplinaridade, que deverá ser “uma nova relação poética com o mundo, com os outros, com o conhecimento, com a própria existência, (ANTONIO, 2002, p. 25). E o autor faz um resumo do será realmente toda a sua obra:

Reencantar a aprendizagem. Escrever e reescrever poeticamente o texto da existência. Estas são duas imagens matrizes, dois princípios fundadores das páginas que se seguem. Inseparavelmente, nestas páginas pulsa também uma outra necessidade vital: religar os campos de saber, circular as vozes e os diálogos, atravessar as rígidas fronteiras que enclausuram o conhecimento, transcender as separações que dilaceram o sentido. *Transdisciplinaridade: um novo olhar, uma nova escuta poética.* (ANTÔNIO, 2002, p. 25). (Itálicos do autor).

Esse ultrapassamento de fronteiras internacionais, nacionais, pessoais e culturais, tão apregoado pela transdisciplinaridade, vem sendo feito há tempos pela música. O poema de Gilberto Gil, apresentado acima, ao ser cantado faz uma aproximação muito proveitosa entre música e literatura, (OLIVEIRA, 2002), A mídia brasileira é muito rica em relação a poetas-músicos-cantores, entre outros, Chico Buarque de Holanda, Caetano Veloso, Tom Jobin e o mais marcante de todos, o poetinha, Vinícius de Moraes.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Amar se aprende amando**. Rio de Janeiro: Record, 1987.

ANTÔNIO, Severino. **Educação e transdisciplinaridade**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

ARISTARCO, Guido e Teresa. **O novo mundo das imagens eletrônicas**. Lisboa: Edições 70, 1990.

BESSA, Pedro Pires. Problemática da televisão e literatura. In: OLIVEIRA, M. de L. A. et al. **Literatura & mídia**. Rio de Janeiro: Edições Galo Branco, 2004. p. 49-75.

BRIGGS, Asa; BRUKE, Peter. **Uma história social da mídia, de Guttenberg à Internet**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

CARNEIRO, Agustinho Dias (Org). **O discurso da mídia**. Rio de Janeiro: Oficina do Autor, 1996.

CORTÁZAR, Julio. Entrevista a Ângelo Osvaldo. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 29 de Janeiro de 1976.

COSCARELLI, Carla Viana et al. **Letramento digital**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

COUTINHO, Afrânio. **O processo de descolonização da literatura**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983.

FERNANDES, Ismail. **Memória da telenovela brasileira**. São Paulo: Brasiliense. 1997.

JOHNSON, Steven. **Cultura da interface, como o computador transforma nossa maneira de criar e comunicar**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

MARCOS-STEIFF, Joachim et al. **Os mitos da publicidade**.



Petrópolis: Vozes, 1974.

MOLES, Abraham. **Rumos de uma cultura tecnológica.** São Paulo: Perspectiva, 1973.

OLIVEIRA, Solange Ribeiro de. **Literatura e música.** São Paulo, Perspectiva, 2002.

PAULIUKONIS, Maria Aparecida Lino et al. **Texto e discurso: mídia, literatura e ensino.** Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

PIGNATARI, Décio. **Informação, linguagem, comunicação.** São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

15 ANOS DE HISTÓRIA. Rio de Janeiro: Rio Gráfica, 1984.

RICARDO, Cassiano. **Poesias completas.** Rio de Janeiro: José Olympio, 1957.

SANDMANN, Antônio. **A linguagem da propaganda.** São Paulo: Contexto, 2005.

SILVA, Ezequiel Theodoro da et al. **A leitura nos oceanos da Internet.** São Paulo: Cortez, 2003.

VAMPRÉ, Octávio Augusto. **Raízes e evoluções do rádio e da televisão.** Porto Alegre: Fleplam, 1979.

